

Movimentos na Arte do Século XX

MARCO ANTÔNIO MACHADO





Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!



SUMÁRIO



Apresentação

Esse material é guia e estabelece pontos de partida para o desenvolvimento da disciplina *História das Artes III*, em curso superior de Arte-Educação. Notamos pelo título do texto e de suas subdivisões que o foco volta-se para a arte e seus movimentos, no século XX. É claro que em poucas páginas não são contempladas todas técnicas, gêneros ou autores relevantes do último século. Anda assim o e-book guia os estudos na disciplina, apontando para influentes manifestações artísticas e seus ecos, na contemporaneidade.

Para alcançar tais objetivos o texto é pensado a partir de um eixo, nomeado histórico-apreciativo. Nesse eixo apresenta-se, sucintamente, grandes movimentos/artistas da história da arte no século XX até a atualidade. Aqui se pretende produzir no entendimento do estudante um mapa/linha das expressões visuais/sonoras/textuais/corporais espalhadas tanto geográfica como temporalmente no período histórico. Para tanto é importante atentar para as datas e localidades dos eventos, conhecer o nome dos autores, grupos, movimentos e, sobretudo, apreciar muita arte. É impossível o desenvolvimento no campo da história da arte e da apreciação artística sem uma fruição atenciosa, minuciosa e crítica.

Apreciação crítica – videoaula para produção de texto de apreciação crítica

1. O Contemporâneo: o artista e o senso de inovação

A princípio, o senso comum apresenta o conceito de contemporaneidade como tudo que é pertencente ao seu tempo, tudo que é realizado no tempo de vida de alguém é contemporâneo. Mas no contexto da arte a ideia de contemporaneidade ganha contornos específicos e muito caros aos artistas criativos, de modo que, não necessariamente, uma obra contemporânea necessita ser uma realização de um tempo concomitante ao meu e, ainda, que uma obra realizada no dia de hoje seja considerada contemporânea. É possível, por exemplo, considerar a *Sinfonia*, de Luciano Berio, arte contemporânea, mesmo tendo sido criada e executada pela primeira vez no ano de 1969 e, de outro modo, a canção hit *Dona Maria* da dupla Jorge e Mateus apresentada pela primeira vez no recente ano de 2018 não ser considerada arte contemporânea.

Sinfonia (1969) de Luciano Berio – Regência do Maestro Pierre Boulez

Dona Maria (2018) da dupla sertaneja Jorge e Mateus



Isso leva a questionar o que de fato torna um objeto artístico contemporâneo, se não é sua data de realização. Barthes e, antes dele, Nietzsche resumem: “O contemporâneo é o intempestivo.” (BARTHES, *apud* AGAMBEN, 2009, p. 58). Agamben explica a motivação na intempestividade do contemporâneo:

[...] é verdadeiramente contemporâneo aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente, por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo (AGAMBEN, 2009, p. 59).

O contemporâneo, portanto, pertencente ao tempo presente, mas contrassensual à cultura e ao senso comum do tempo presente. É como fazer história a contrapelo de Benjamin (2014: p. 46) produzindo sempre uma visão crítica, um desconforto e uma perscrutação minuciosa e inconveniente do *status quo*. E ainda, pertencer a um tempo presente não necessariamente tem relação direta com a data em uma linha cronológica da história. Um objeto artístico, por exemplo, criado ou produzido décadas ou até séculos antes, mas em um determinado presente ganhar relevância. Se essa relevância operar de modo intempestivo a obra passa a ser contemporânea àquele tempo presente.





Ser/estar contemporâneo: uma visão no escuro

De certo modo afirma-se que os artistas e movimentos artísticos, de maneira geral, são movidos e orientados por dois fluxos, dois regimes de operações: o regime do belo e o regime do novo. Toda obra de arte é sempre analisada e apreciada sob estas duas perspectivas e cada uma tem que dar conta dessas duas demandas enquanto bem cultural e ente na sociedade. É justamente o regime do novo que movimenta os artistas em direção a um senso de inovação que não é uma seta única, mas plural, o que possibilita uma rica e múltipla contemporaneidade. Em todo século XX e até a atualidade, diversos autores e escolas de criação caracterizam-se pelo senso de inovação, fato marcante na manifestação da arte contemporânea. Operar sob o fluxo do novo, entretanto, leva o artista a um caminho fronteiro e perigoso e é justamente nessa periferia que as grandes obras do século passado foram realizadas.



2. Impressionismo, Fauvismo, Expressionismo

Impressionismo: gênero da pintura francesa, ainda do final do século XIX, mas que marca um passo importante para as transformações nas artes visuais ocorridas na primeira metade do século XX. O início do movimento dá-se no ano de 1874, marcado por uma exposição coletiva em Paris. As obras caracterizadas pelo estilo foram realizadas até o princípio do século XX. O impressionismo desdobra-se e influencia outros campos de atuação artísticas, dentre os quais se destacam a escultura e a música impressionista.

Características:

- as pinturas registram uma coloração móvel que implica uma sutil transformação por conta da incidência da luz;
- as imagens não têm contornos claros, pois são uma impressão na visão do apreciador;
- o contraste entre luz e sombra é obtido por meio de cores complementares e não pelo efeito claro-escuro dos movimentos tradicionais;
- as tonalidades de cores não são elaboradas por misturas na paleta do pintor, mas na própria aplicação na tela, por meio de pequenas e múltiplas pinceladas.

Principais autores: Claude Monet (1840 – 1926); Pierre-Auguste Renoir (1841 – 1919); Edgar Degas (1834 – 1917); Édouard Manet (1832 – 1883).





Fauvismo: ou Fovismo é um movimento artístico da pintura francesa do início do século XX (precisamente na primeira década do século). Essa prática é um contramovimento em relação ao impressionismo vigente, pois os artistas associados ao fauvismo procuram uma leveza e uma intensidade de colorações divergentes da prática impressionista. Dois autores do final do século XIX são muito influentes na concepção do fauvismo – Vincent Van Gogh (1853 – 1890) e Paul Gauguin (1848 – 1903). As pinceladas fortes, uso de cores vibrantes e primitivismo impulsionam o movimento do início do século XX.

Características:

- temática leve baseada nas emoções e na alegria de viver, normalmente sem motivação crítica ou política;
- gradiente de cores reduzido;
- as cores exercem papel central nas obras determinando limites, volume, relevo e perspectiva;
- as cores têm um emprego emocional e não realista.





Expressionismo: movimento artístico heterogêneo e multidisciplinar predominantemente alemão e situado entre os anos de 1905 e 1920. Tem como principais influentes históricos os autores Francis Bacon (1561 – 1626), Francisco de Goya (1746 – 1828) e Vincente Van Gogh (1853 – 1890). Os autores do expressionismo focam justamente na expressão da sensibilidade do próprio artista. Sua arte não deve causar uma determinada impressão, nem tampouco retratar ou representar um objeto, mas expressar sua natureza, normalmente marcada por fortes traços emocionais.

Características:

- visão trágica do ser humano expressa por meio de exagero e distorção da realidade visual;
- pessimismo existencial do indivíduo fruto da sociedade moderna;
- deformidade dos objetos e desprezo pela perspectiva e iluminação;
- temática individualista focada na subjetividade e na irracionalidade;
- o uso de linhas fortes e cores puras se dão de modo emotivo, retorcido e agressivo.

Principais autores: Edvard Munch (1863 – 1944); Paul Klee (1879 – 1940); Wassily Kandinsky (1866 – 1944); Cândido Portinari (1903 – 1962); Diego Rivera (1886 – 1957).





Aula 32 MODERNISMO Impressionismo

Aula 33 MODERNISMO Expressionismo



3. Cubismo analítico e sintético (*Collage*)

Cubismo analítico: movimento artístico originário nas artes plásticas cujos precursores são trabalhos de Paul Cézanne (1839 – 1906) na primeira década do século XX. Entretanto, a formatação do estilo se dá, de fato, entre os anos de 1907 até 1912 com a junção dos trabalhos de Pablo Picasso (1881 - 1973) e Georges Braque (1882 - 1963). No cubismo analítico há a representação dos objetos por meio da subversão do plano de perspectiva, ou seja, a sobreposição de distintos pontos de vistas perspectivos na retratação de um mesmo objeto.

Características:

- utilização de abstrações geométricas;
- subversão e sobreposição de perspectivas (das visualidades do objeto, de características estruturais não visuais do objeto e de características ambientais e de uso do objeto: *trompe l'oeil*);
- claro e escuro perdem função de representar profundidade ou relevo;
- coloração de austeridade em que predominam os tons ocres e transições do preto ao branco passando pelos tons de cinza.

Principais autores: Pablo Picasso (1881 – 1973); Georges Braque (1882 – 1963); Juan Gris (1887 – 1927); Robert Delaunay (1885 – 1941); Fernand Léger (1881 – 1955).




Figura 1 - *The Billiard Table* (1944-52)



Fonte: Georges Braque: 2011 Artists Rights Society (ARS), New York / ADAGP, Paris





Cubismo sintético: também parte de inovações da dupla de autores Pablo Picasso e Georges Braque. A partir de 1912, os artistas incorporam, nas telas, materiais como areia, tapeçaria, folhas de jornal, camurça, papéis de embrulho, entre outros, por meio da cola. Esta técnica chama-se *papier collé* ou colagem, que são outras maneiras de nomear o cubismo sintético. A ideia de sintético deve-se ao fato de os artistas apropriarem-se de qualquer coisa ao seu alcance. O mundo entra na obra de arte sob o crivo e deleite dos artistas. As obras têm características tridimensionais e contornos de sombras reais, colocando-se como híbridas entre a pintura e a escultura.

Características:

- apropriação e integração, na obra de arte, de tudo que está ao alcance das mãos do artista;
- sobreposição do próprio deleite do artista sobre os demais planos já sobrepostos no cubismo analítico: *trompe l'esprit*;
- elementos tridimensionais como relevo, textura e sombra na feitura das obras;
- temática leve, tendo como objeto cenas do cotidiano e/ou artefatos comuns.

Principais autores: Pablo Picasso (1881 – 1973); Georges Braque (1882 – 1963); Kurt Schwitters (1887 - 1948); Henri Matisse (1869 - 1954); Robert Motherwell (1915 - 1991).

4. O Surrealismo

O surrealismo é um movimento artístico liderado pelo escritor André Breton (1896 - 1966) a partir do *Manifesto Surrealista* (o primeiro) do ano de 1924. Tem o apogeu da manifestação de sua intensidade entre os anos de 1924 e 1929. A partir de 1929, com o segundo manifesto, o surrealismo torna-se mais abrangente e difundido, mas sem a mesma intensidade das originais demandas. A obra do poeta Arthur Rimbaud (1854 - 1891), em especial *Saison en enfer* (1873) é a principal influência dos artistas fundadores do surrealismo. Tal movimento é tomado por motivação política e revolucionária, porém acreditando que a revolução não se daria por meio da luta de classes organizada ou por partidos políticos mas iniciar-se-ia, de fato, com a revolução da sensibilidade. A revolução dos desejos, dos sentidos, do inconsciente conduzi a uma revolução moral, econômica e política, por consequência.

O movimento surrealista compreende artistas dos mais diversos gêneros e práticas e tem importantes desdobramentos, até meados da década de 1940. Em todos os campos artísticos os surrealistas trabalham com a realidade, por vezes distorcendo-a, ora transformando-a, ou ainda, pervertendo-a. O sonho, o delírio, a imaginação descontrolada, a aleatoriedade e o não senso são elementos essenciais ao surrealismo. A ideia é despertar para uma outra realidade levando a experiência aos limites que esta impõe.



Características:

- escrita/produção automática: permite ao artista a ação criativa por impulso, sem planejamento, sem racionalismo, somente o fluxo criativo;
- materiais fantásticos, fantasmáticos e oníricos como base para as criações;
- arte como meio para a revolução da sensibilidade e do inconsciente (freudismo), para aí sim alcançar a transformação social-econômica-política (marxismo).

Principais autores: [Literatura] André Breton (1896 – 1966); Louis Aragon (1897 - 1982); Georges Bataille (1897 - 1962); [dramaturgia] Antonin Artaud (1896 – 1948); [artes visuais] Pablo Picasso (1881 - 1973); René Magritte (1898 - 1967); Frida Kahlo (1907 - 1954); Salvador Dalí (1904 - 1989); Juan Miró (1893 - 1983).

Aula 37 MODERNISMO parte 7 Surrealismo



5. Antonin Artaud, o corpo sem órgãos e a vida como obra de arte

Antonin Artaud (1896 - 1948), ator, dramaturgo, poeta e este- ta francês, é considerado o maior nome do movimento surrealista no campo do teatro, mas foi expulso do movimento pela não adesão ao partido comunista, em 1926:

No dia dez de dezembro de 1926, às 9 da noite, no café 'Profeta', em Paris, os surrealistas reúnem-se em congresso. Tratava-se de saber o que, diante da revolução social que estrondeava, o Surrealismo iria fazer do seu próprio movimento. Para mim, dado o que já se sabia do comunismo marxista, a qual pretendiam aderir, a questão nem se colocava. Será que Artaud pouco se importa com a revolução?, perguntaram-me. Pouco me importo com a de vocês, não com a minha – respondi, abandonando o Surrealismo, pois o Surrealismo também havia se transformado num partido (ARTAUD, *apud* COSTA, 2010, p. 3-4).

Artaud pretende levar a revolução da sensibilidade até os limites da experiência e propôs o que chamou de *Teatro da Crueldade* (1932) em que o ator se converte em um agente de forças para liberar potencialidades inconscientes em si mesmo e nos espectadores. O ator não é um intérprete de uma coisa extrínseca a si, é um agente de forças, um artista do corpo, mas de um corpo sem órgãos. Artaud prega a revolução da sensibilidade do surrealismo voltada para a obra de arte e leva para dentro de si, para o próprio corpo e vida do artista: a grande obra de arte realizada por Artaud é a própria vida. A paleta e tela são seu corpo.



A vida e obra de Antonin Artaud influenciam, de modo determinante, três importantes pensadores da segunda metade do século XX. No contato com Artaud, Michel Foucault (1926 – 1984) formula a noção de *Estética da existência*, justamente a ideia de cada um de lidar com a própria vida como uma obra de arte, passando-a por processos artísticos, liberando-a dos sistemas de controle e dominação (BORGES, 2007, p. 85-95). Já com Gilles Deleuze (1925 – 1995) e Félix Guattari (1930 – 1992) vêm as ideias de *Revolução molecular*: íntima, microscópica, das potências da vida, dos desejos; e uma abordagem sobre o conceito artaudiano de *corpo sem órgãos*: que é a produção de um corpo pleno e rizomático que se repactua com os fluxos do desejo, em detrimento de uma super organização abstrata, sempre colocada de fora, por meio da moral e do senso comum. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 8-27).

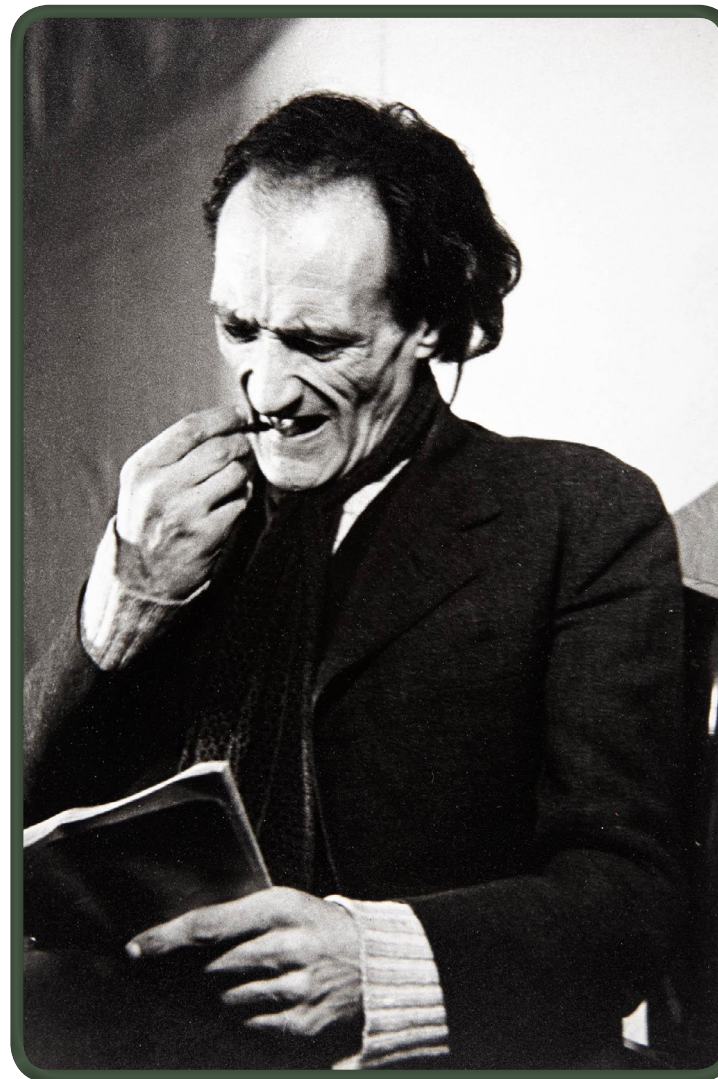
Zé Celso conta Artaud: História + Corpo + (Lou)cura

ARTAUD – *Pour en finir avec le jugement de Dieu* (conclusion) PT-PT





Figura 2 - Antonin Artaud



Fonte: The Patricia and Donald Oresman Collection.



6. Performance e instalação

Performance: termo utilizado a partir dos anos de 1960, para designar uma prática artística ao vivo, com ou sem público e de cunho multidisciplinar, normalmente envolvendo encenação, dança, música, declamação e expressão corporal. Difere do *happening* (acontecimento), pois é menos improvisado e mais pré-elaborado e também porque não visa a interação com o público, necessariamente. Além de *performance* e *happening*, outros dois termos aparecem associados a esse tipo de arte: *body art* (arte corporal); e *live art* (arte ao vivo). Todo esse campo plural caracteriza-se por uma arte antiespetacularização e “[...] rompe com os padrões aristotélicos de representação, narrativa e linearidade.” (RAMIREZ, 2017, p. 101), de modo a se associar e receber forte influência do *Teatro da Crueldade* de Artaud.

O grupo *Fluxus*, atuante entre os anos de 1960-70, é um movimento artístico libertário criado na Alemanha, pioneiro no campo da performance. O grupo visa a produção multiartística, mesclando elementos do cinema, da música, da literatura, artes cênicas e visuais com valores que se opunham aos valores burgueses, às galerias de arte e ao individualismo. Outro importante artista para o estabelecimento da arte performática foi o estadunidense Allan Kaprow (1927 – 2006). Em suas performances plásticas ele deixa sentir e mover o corpo de acordo com os impulsos sensíveis do ambiente, com a temperatura, com os ruídos, com os odores que o iam trespassando.

Principais autores: Allan Kaprow (1927-2006); George Maciunas (1931 - 1978); Joseph Beuys (1921 - 1986); Nam June Paik (1932 - 2006); Ben Vautier (1935 --); Yoko Ono (1933 --); John Cage (1912 - 1992); Marina Abramović (1946 --); Marta Minujín (1943 --).

Perfoda-se: um documentário sobre performance arte

Marina Abramović & Ulay – *The Other: Rest energy* (1980)

Instalação: nome dado a determinada prática artística, a partir dos anos 1960, quando o labor criativo dá-se sobre um ambiente específico: uma galeria, um espaço público, uma sala de aula etc. Esse ambiente é composto e transformado por meio de *assemblage*. Tal construção envolve concepção multiartística contendo conotações visuais, táteis, sonoras, odoríferas e até palatáveis. Algumas experimentações da primeira metade do século XX são consideradas precursoras das instalações, tais como *Merzbau* (1923) de Kurt Schwitters (1887 - 1948) e *Sixteen miles of string* (1942) de Marcel Duchamp (1887 - 1968).



No campo da instalação, parte central da fruição dá-se pelo fato do espectador ser colocado dentro da obra de arte e poder experimentá-la não com um de seus sentidos, mas com todos ao mesmo tempo e não como um espectador de fora, mas como parte da obra enquanto a experimenta. As instalações podem ter caráter efêmero ou duradouro, podem ser feitas exclusivamente para um espaço ou serem concebidas para serem desmontadas e montadas em outros espaços. Alguns outros termos confundem-se e se associam com a arte de instalação, tais como *land art*, *work in progress* e intervenção urbana.

Principais autores: Christo Vladimirov Javacheff (1935 --); Jeanne-Claude Guillebon (1935 – 2009); Anish Kapoor (1954 --); Frans Krajcberg (1921 – 2017); Rachel Whiteread (1963 --); Joana Vasconcelos (1971 --).

Gigantismo efêmero / A arte de Jeanne-Claude e Christo



7. Interartes (zonas de indeterminação), multimeios e novas tecnologias

Interartes é um conceito que marca posição comum dentro de vários movimentos artísticos e/ou práticas, levado a cabo, sobretudo, da década de 1980 em diante. Refere-se a uma inter-relação entre campos consagrados da arte: música, teatro, literatura, pintura, escultura etc., mas também agrega em seu bojo as mais diversas mídias em suas plataformas: impressa, cinema, televisão, rádio, *home page*, *streaming*, entre outras. (PEDROSO JR., 2009, p. 104).

O termo não se refere a um estilo ou movimento, mas a uma característica comum que faz mover as mais diversas correntes criativas do final do século XX até a atualidade. A proposta interartística busca, justamente, zonas de indeterminação, o vago, o impreciso em que o resultado é sempre uma fruição confusa que impede que o espectador tenha certeza do tipo de objeto que está experimentando (SEIXAS, 2011, p. 142). O êxito em uma concepção interartística faz com que o público fique sempre se indagando questões como: isso é uma ópera? Cinema ao vivo? Instalação? *Happening*? *Tableau Vivant*?



György Ligeti *Mysteries of the Macabre*

Christian Lindberg* – Luciano Berio *Sequenza V

Mauricio Kagel: Two-Man Orchestra

Novas tecnologias. Assim como na história da arte os movimentos artísticos sempre são influenciados e transformados no contato com os avanços de técnicas e tecnologias, na arte contemporânea isso é notável e marcante. A diferença, talvez, seja o fato de que as transformações tecnológicas, a partir da segunda metade do século XX são regidas por um fluxo de velocidades cada vez mais intenso, sobretudo no que toca à comunicação e à interação entre pessoas e máquinas – o que é muito sensível para o trabalho artístico.





Somente no sentido do suporte digital e da comunicação por meio de novas tecnologias há três transformações pujantes no fazer artístico: 1) redes telemáticas – o objeto artístico é transmitido pelos mais diversos meios como telefone, fax, rádio, televisão, *internet*, excluindo a necessidade de um espaço físico (sala de concerto, teatro, museu) para a apreciação; 2) desmaterialização da arte: os objetos artísticos são ou digitalizados (extensões de vídeo, imagem ou áudio) ou são já de fato produzidos em ambiente digital, fazendo com que o produto artístico não tenha materialidade como em um disco, fita VHS ou tela. Além da mudança que isso demanda no ato da fruição, promove uma revolução no sistema de financiamento e comercialização das obras; 3) evento de massa: com o desenvolvimento da *internet* fica cada vez mais simples e barato criar coletivamente e transmitir tudo em tempo real, para qualquer parte do mundo, sem custos exorbitantes, atingindo grande penetração e difusão (BUZETTI, 2010, p. 9-10).

O campo da interatividade com os objetos artísticos enriquecer muito quando adicionadas as possibilidades que dá a robótica, a realidade virtual e a cibernética. Nesses casos os artefatos (óculos de realidade virtual, eletrodos para interação cinética, robôs) são meios para a expressão e interação artísticas ou um fim – o objeto artístico em si.

Arte e tecnologia / Expresso futuro, com Ronaldo Lemos



8. Questões e demandas da atualidade no fazer artístico

A virada do século XX para o XXI e essas duas décadas quase completas trazem novos panoramas, acontecimentos e conjecturas que se impõem nos campos sociais e, claramente, colocam-se em agenciamento com as artes, os artistas e os apreciadores de arte. Não é possível, nesse momento, ter o devido distanciamento histórico que permite ver com mais clareza os contornos das categorias que definem esse complexo tempo de agora, mas é papel do artista contemporâneo, justamente, voltar a visão para as escuridões do agora e no jogo com afetos e perceptos, encadear novos modos de expressão, novos modos de vida.

O século XXI tem como marco inicial o ataque às torres do *World Trade Center* e, com isso, o aumento sistemático de ataques ditos terroristas em potências ocidentais. Em contrapartida há, ao redor de todo planeta, o fortalecimento dos sistemas de segurança e de controle (câmeras, sensores, *scanners*, reconhecedores de face). Transitar de maneira livre está cada vez mais difícil, tanto no interior das cidades como entre nações. O capitalismo sobrevive à duras penas, em ciclos cada vez mais aprofundados e estreitados de crises econômicas: as crises humanitárias na periferia do capital tornam o sistema cada dia mais insustentável.



Ao mesmo tempo que os discursos identitários de grupos minoritários (mulheres, negros, LGBTQ, etc.) tomam as ruas e se organizam, crescem também os discursos fascistas, nacionalistas, racistas e hegemônicos. Esse contraponto parece endurecer a cada dia e leva a crer na possibilidade de uma ruptura violenta da organização social nas mais diversas regiões do globo.

Em meio a tudo isso, o cidadão mediano (mediocre) afoga-se cada dia mais em uma enfadonha sociedade utilitarista e viciada em discursos tecnocráticos: ávida a ditar para todos como e para que tudo deve servir.

Nesse contexto, fica evidente a falta de função da arte o que torna a vida do artista criativo cada dia mais difícil: alguns vão trabalhar para o mercado (marketing, propaganda, *jingles*); outros se dedicam aos deleites luxuosos de uma elite burguesa (orquestras pomposas, leilões de arte); outros defendem que a função da arte é para com as pessoas, no sentido de produzir uma sociedade mais harmoniosa ou pacífica (arte-educação, arte em projetos sociais, comunidades carentes). Alguns tentam ainda viver da indústria cultural, mal do século XX e produzir entretenimento para as massas de consumidores (*Hollywood*, música pop, indústria de *games*). Há até os que propõem à arte uma função de cura do corpo e/ou da mente (arteterapia, musicoterapia, cromoterapia).





Vive-se em uma sociedade que esbraveja liberdade de expressão a todo custo: o reino da *doxa* (opinião) está sobre todos. Mas de que adianta ser livre para se expressar? Se ninguém escuta/vê/sente e, ademais, ninguém reflete, ninguém se afeta. Como certa vez disse Roberto Alvin: “As pessoas brigam por liberdade de expressão, quando deveríamos brigar por liberdade de impressão!” (GROZA, 2015, p. 151).

Esse breve panorama desenha, ainda que de modo simples, os desafios que o fazer artístico implica na atualidade. Mesmo parecendo uma visão pessimista de mundo, é importante lembrar que cada povo, em cada época, sempre se percebe como nas imediações dos fins dos tempos e diante de problemas intransponíveis: não é diferente, agora. Precisa-se apenas arregaçar as mangas e dar cabo deste tempo.



Referências Bibliográficas

AGAMBEM, G. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

ARTAUD, A. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2014.

BORGES, S. Antonin Artaud: arte e estética da existência. *Psicanálise e Barroco – Revista de Psicanálise*, v. 5, n. 2, p. 85-94. Juiz de Fora: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Cultura, 2007.

BUZETTI, P. R. V. *As novas tecnologias como expressão artística*. São Paulo: FAP, 2010.

COSTA, R. de P. A concha e o clérigo: aproximações e divergências entre Antonin Artaud e o Surrealismo. *Revista Anagrama*, São Paulo v. 3. n. 4, p. 1-10, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

GROZA, M. Entrevista com Roberto Alvim. *Abate*, São José dos Campos: n. 1, p. 138-157. 2015.

JANSON, H. W. ; Anthony F. JANSON. *Iniciação à história da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PEDROSO JR., N. C. Estudos interartes: uma introdução. *Raído*, Dourados, v. 3, n. 5, UFMS, 2009.

MACHADO, M. A. *Cubismo analítico e sintético: uma abordagem sobre a simultaneidade nas obras de Stravinsky e Ives*. XXIV Congresso da ANPPOM – São Paulo, 2014.

NIETZSCHE, F. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

RAMIREZ, N. M. M. O que é performance? Entre contexto histórico e designativos ao termo. *Arteriais* Revista do PPGARTES, n. 4. Belém: UFPA, 2017.

SEIXAS, A. *Sobre o vago: indefinições na produção artística contemporânea*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO
PARANÁ - UNICENTRO**

**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB**

Prof. Ms. Cleverson Fernando Salache
Coordenador Geral Curso

Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Crissi Knuppel
Coordenadora Geral NEAD / Coordenadora Administrativa do Curso

Prof. Ms. Ari Schawns
Coordenador de Tutoria

Prof. Ms^a. Marta Clediane Rodrigues Anciutti
Coordenadora de Programas e Projetos / Coordenadora Pedagógica

Espencer Gandra
Murilo Holubovski
Designers Gráfico

Edgar Degas - WikiArt
Salvador Dali - WikiArt
Elementos gráficos